



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

VI Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

GT4 – (Mundo Antigo, Medieval e Religião)

A EXPULSÃO DOS VENDILHÕES DO TEMPLO E O CONTEXTO DO JESUS HISTÓRICO

Airton Donizete de Oliveira (UEL)¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre a passagem dos Evangelhos que retrata a reação de Jesus ao se deparar com os cambistas no Templo de Jerusalém. Enquanto o povo sobrevivía a duras penas, os cambistas e os vendedores de animais para o sacrifício faziam comércio e trocavam moedas no Templo. Um retrato do privilégio das autoridades romanas aliadas à elite judaica local. Jesus era um revolucionário social e espiritual. Ao mesmo tempo em que se insurgia contra aqueles que profanavam uma “casa de oração”, que é o Templo, denunciava o poder vigente, cujo símbolo era o dinheiro que circulava em moedas no local. Aquele ocorrido funcionou como um Interdiscurso, que é a Memória Discursiva de um contexto social. Ou seja, aquele passado de tirania contra os menos favorecidos, se materializava ali, no Templo. Conclusão que se torna possível pela Análise de Discurso, que trabalha com ações demarcadas, pré-construídas. Tal reflexão contribui para analisar a historicidade presente em determinadas passagens dos Evangelhos.

Palavras-Chaves: Jesus histórico. Evangelhos. Historiografia. Fé.

HISTORIOGRAFIA E FÉ

“Neste lugar, a que chamam Gólgota, muitos são os que tiveram o mesmo destino fatal e outros muitos o virão a ter, mas este homem, nu, cravado de pés e mãos numa cruz, filho de José e de Maria, Jesus de seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial, os mais nunca passarão de crucificados menores”. Saramago (2005, p. 11), numa obra ficcional, evidencia o tamanho do personagem sobre o qual analisaremos uma passagem registrada pelos Evangelhos.

Este personagem trata-se de Jesus de Nazaré. Contudo, escrever sobre ele, analisando-o sob o viés histórico, não é tarefa fácil. Há ausência de fontes, pois os Evangelhos, Marcos, Mateus, Lucas e João, não o retratam biograficamente. Na sua maioria, são manifestações teológicas, que correspondem à fé. Este artigo, portanto, tem o desafio de abordar uma passagem do Jesus Histórico, o homem que nasceu no povoado rural de Nazaré, há mais de dois mil anos. Não vamos nos ocupar do Jesus da Fé, que as igrejas cristãs cultuam e veneram cada uma a seu modo.

A maior parte dos quatro Evangelhos é teologia. Os autores que o escreveram não estavam preocupados em fazer história, mas cultuar um personagem, apresentando seus feitos miraculosos. Revelando-o sobre o ponto de vista da fé. Poucas passagens dos Evangelhos

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEP); Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Especialista em Religiões e Religiosidades (UEL): donijornalista@hotmail.com.br

podem ser analisadas sob a luz da História. Portanto, neste artigo, escolhemos uma cena em que se pode recorrer à historiografia para analisá-la. A de Jesus no Templo de Jerusalém, que é reveladora, pois é a única vez nos Evangelhos em que ele se utiliza de força física para contestar seus oponentes.

No episódio, Jesus e seus discípulos viajam a Jerusalém para celebrar a Páscoa Judaica. Ao adentrarem ao Templo se deparam com os cambistas e vendedores de animais para o sacrifício, que trocavam moedas e vendiam animais. Jesus se revolta, levantando mesas e cadeiras e os expulsa aos gritos, acusando-os de profanar um lugar sagrado. A passagem está registrada em Marcos 11:15–19; Mateus 21:12–17; 26:16, Lucas 19:41–45–48 e João 2:13–17.

É esta cena, no Templo, que vamos analisar, tomando por base uma ação do personagem Jesus que revela sua oposição ao poder constituído da época: o Império Romano, que dominava a antiga Palestina. A ação dele no Templo, que refletia a oposição à Roma, foi o mote para sua condenação (ARANTES E FUNARI, 2010, p. 13). O Templo, então localizado no “Monte do Templo”, atual Cidade Velha de Jerusalém, além de ser um local sagrado era um símbolo de poder romano e judaico, construído no reinado de Herodes, o Grande. No seu pátio externo ficavam os cambistas, que trocavam moedas e vendiam animais, perfazendo uma espécie de âncora cambial com anuência das autoridades. Portanto partimos da questão: qual a importância da passagem em que Jesus reage aos cambistas no Templo para sua trajetória histórica? É o que pretendemos demonstrar, a seguir.

DE JUDEU CAMPONÊS À ONIPOTÊNCIA DIVINA

De acordo com o Censo Demográfico (2025), cujos dados foram publicados este ano, os cristãos no Brasil, católicos, evangélicos e espíritas somam 85,4%. Em relação ao índice de leitura, certa pesquisa do PublishNews (2024) revelou que dos 20 livros mais vendidos no país, 11 são religiosos. O levantamento também demonstra que o livro “Café com Deus Pai”, de Junior Rostirola, lidera a lista de vendas. O estudo contabiliza vendas de 39 redes e livrarias brasileiras, de todas as regiões do Brasil, físicas ou virtuais. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) aponta que a Bíblia continua sendo o livro mais lido no país, tendência que se repete desde 2007, ano em que o estudo começou.

Portanto, a religião é um assunto que está entre as prioridades dos brasileiros.

Contudo, é um consumo cultural pela fé. A maioria lê a Bíblia e livros religiosos pelo viés teológico. Em relação aos cristãos, crendo em um Deus único criador de todas as coisas. Ler com os olhos da fé é uma forma de leitura, nada de errado com quem lê assim. Mas não é uma leitura historiográfica, que, no caso da Bíblia, interpreta o livro máximo da cristandade como um conjunto de acontecimentos cronológicos correspondentes ao tempo em que foram escritos. Na leitura pela fé, não há método nem critério, pois o leitor quer extrair o que lhe convém, aquilo que vai ao encontro do que procura para satisfazer seu estado de espírito.

Certeau (1982) diz que fazer história vai além de produzir narrativas, é lidar com algo morto. Trabalhamos, portanto, com interpretações de um fato que, muitas vezes, já não existe. No caso do Jesus Histórico é preciso identificar as passagens dos Evangelhos em que caiba a análise historiográfica. Não podemos abordar, por exemplo, a ressurreição de Jesus, que é um ato metafísico, que transcende os métodos historiográficos. Contudo, os estudos do Jesus Histórico não são recentes. Iniciaram-se no século XVIII, com o Iluminismo, conforme relata Cornelli (2006). Para este autor, o *aude sapere* iluminista, nos dizeres do filósofo Immanuel Kant, foi tão ousado que chegou até a questionar a figura de Jesus. A partir daí, alguns estudiosos começaram a abordar a questão, que ganha novos contornos com avanços das ciências, como História, Filosofia, Sociologia, Linguística e Arqueologia.

No Brasil, um dos pioneiros na pesquisa sobre o Jesus Histórico é André Leonardo Chevitarese. Historiador e doutor em Antropologia Social pela USP, professor Titular do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), levou seus estudos do Jesus Histórico para o YouTube, onde tem mais de 20 mil seguidores. Ele defende que os pesquisadores devem ler textos religiosos com outro viés. Diz (2012, p. 38): “Quando lemos os Evangelhos, não podemos fazer sem a mediação dos estudos que nos condicionam o olhar”. Para ele, no caso do Jesus Histórico, além de fontes, é preciso levar em conta as reflexões modernas sobre o tema. Sobretudo, as descobertas arqueológicas em Nazaré.

Se trabalhamos com interpretações de um fato passado, no caso em questão, tomamos como base as recentes descobertas arqueológicas em Nazaré, local em que Jesus nasceu e viveu por um tempo. Segundo Chevitarese (2022), seus antigos registros datam do final do período helenístico tardio, 167 e 63 AEC. “Portanto, quando Jesus nasceu, Nazaré já existia como um pequeno vilarejo rural judaico”, acrescenta (2022, p. 23). A localização do ambiente em que Jesus nasceu e viveu nos permite tirar conclusões do personagem que analisamos.

Por exemplo, a subsistência dos que lá viviam, cujos objetos arqueológicos

encontrados demonstram o modo de vida daquela comunidade. Um fato marcante veio à tona com os trabalhos arqueológicos, na década de 1960, no sítio da Igreja da Anunciação. Arqueólogos encontraram espaços subterrâneos artificiais que, inicialmente, foram escavados na rocha e serviam para silos, cisternas e instalações destinadas à produção de vinho e azeite. Nas descobertas, há também fragmentos de vasos de pedra calcária, usados nas comunidades judaicas no início do período romano na Galileia. “Estes vasos reforçam o pressuposto de que esse assentamento (Nazaré) era culturalmente judaico” (CHEVITARESE, 2022, p. 24).

Crossan e Reed (2007, p. 78) complementam: “Todas as evidências do período romano reforçam a conclusão de que Nazaré era um simples lugarejo de camponeses. Indicam também uma Nazaré judaica”. No Império Romano, a vida das comunidades rurais se resumiam ao trabalho e pagamento de impostos. Viviam do que produziam e alheias à vida das elites. Tanto que não é possível determinar com precisão o nascimento de Jesus. Sobre o fato, o que restou foram narrativas míticas e teológicas. Pesquisadores afirmam que é mais seguro dizer que Jesus nasceu nos últimos anos do reinado de Herodes, o Grande, talvez entre 7 e 4 AEC. Em relação à sua existência, sim, é possível dizer que era um judeu camponês, nascido no assentamento rural de Nazaré.

Na infância de Jesus, as histórias repassadas provinham de profetas judaicos e falavam de um Deus único, conforme a crença daquele povo. Assim, havia um confronto de narrativas com o Império Romano, que já tinha um Deus, que era o imperador. Dele emanavam todas as ordens para um pretense bem viver e todos deveriam obedecê-las. Quem as desrespeitasse era considerado ameaça e pagaria até com a própria vida. Portanto, as histórias que contavam sobre os profetas antigos se opunham aos poderes do imperador. Se havia um Deus único rei e soberano, logo este seria proprietário da terra. Assim, os judeus estariam submetidos apenas aos acordos firmados à aliança com Deus.

O aprendizado em Nazaré foi fundamental para Jesus seguir seu caminho de contestações, opondo-se ao sistema político que Roma impunha em sua jurisdição. Ao deixar Nazaré sua primeira ação foi se encontrar com João Batista, um judeu celibatário da primeira metade do século I. Um constante pregador, cuja mensagem tinha um misto escatológico e político. O encontro com João Batista, que o batizou e o fez ampliar sua missão, transformou-o, pois “[...] Jesus já não podia mais ser aquela pessoa que havia deixado Nazaré” (CHEVITARESE, 2022, p. 47). Não retornaria pelo mesmo caminho pelo qual chegara até ali.

Com João Batista ainda vivo, Jesus deixou-o, levando consigo mais alguns discípulos e utilizando nas pregações o que aprendera com ele. A prisão de João Batista foi

marcante para o ambiente político da época e pode ter impulsionado a missão de Jesus. Selvatici (2006, p. 35) concorda. “O mais provável, a nosso ver, é que a pregação de Jesus tenha sido impulsionada pela prisão de João Batista”. Ela lembra que os Evangelhos sinóticos apresentam a missão de Jesus ao fim da obra do Batista. Uma peregrinação, assim começa sua trajetória, sobretudo, pela zona rural da Galileia. Das poucas vezes em que esteve em Jerusalém, houve o episódio do Templo, que analisaremos a seguir.

O EPISÓDIO DO TEMPLO

Algumas passagens dos Evangelhos, lidas pelo viés histórico, retratam o contexto do Jesus Histórico. Por exemplo, Marcos, Mateus, Lucas e João relatam a passagem de Jesus no Templo, em Jerusalém. É um dos tópicos neotestamentários que podem ser interpretados historicamente. Mc 11:15-16-17-18 afirma:

E chegam a Jerusalém. Entrando no Templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e compravam no Templo e virou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam as pombas, e não permitia que se transportasse qualquer objeto através do Templo. E ensinava e dizia-lhes: “Não ficou escrito que a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Mas vós fizestes dela um antro de ladrões”. E os sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como poderiam matá-lo. É que tinham medo dele, pois toda a multidão estava maravilhada com seu ensinamento.

Em Mt 21:10-11-12, 13, a cena é a seguinte:

E entrando ele em Jerusalém, ficou alvoroçada a cidade inteira. Diziam: “Quem é este?”. As multidões diziam: “Este é o Profeta Jesus, o que vem de Nazaré na Galileia”. E Jesus entrou no Templo e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo e revirou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas; e disse-lhes: “Ficou escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós porém, fizestes dela um

antro de ladrões”.

Lc 19:41-45-46-47-48 a descreve assim:

Quando se aproximou, vendo a cidade, Jesus chorou sobre ela [...] Depois, entrando no Templo, começou a expulsar os vendilhões, dizendo-lhes: “Ficou escrito: a minha casa será casa de oração; mas vós fizestes dela um antro de ladrões”. Ensinava todos os dias no Templo. Porém, os sumos sacerdotes e os escribas e os chefes do povo procuravam matá-lo. E não encontravam como agir, pois todo o povo ficava suspenso ao ouvi-lo.

7

Jo 2:13-17, ao citá-la, se refere à comemoração da Páscoa:

Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E encontrou no Templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. Fazendo um chicote de cordas, expulsou a todos do Templo assim como as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo chão e lhes derrubou as mesas; e aos que vendiam pombas, disse-lhes: “Tirai isso daqui. Não façais da casa do meu Pai uma casa de negócio”. Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: o zelo da tua casa me devorará.

O Templo de Jerusalém não era apenas dedicado às orações e aos rituais religiosos. Era também uma espécie de centro econômico e político. Ali permaneciam os agentes arrecadadores de impostos, dentro e fora da Palestina. Havia uma estreita ligação entre a elite econômica e os clãs sacerdotais. No Templo, arrecadavam-se grandes somas com o sacrifício diário de animais, sobretudo, bois, cordeiros e pombos. “Calcula-se que na época de Jesus, por ocasião da Páscoa, eram imolados, em suas dependências, mais de 250 mil cordeiros” (ARANTES e FUNARI, 2010, p. 13).

Conclui-se, portanto, que o Templo de Jerusalém simbolizava o poder religioso,

político e econômico. A elite judaica o comandava com anuência das autoridades romanas. Arantes e Funari acrescentam que para pagar pelos animais que seriam sacrificados, os fiéis se obrigavam a trocar o dinheiro corrente, inflacionado, pela tetradracma tíria, “uma moeda forte, cunhada na Fenícia, que não sofreu desvalorização num período de 300 anos” (ARANTES E FUNARI, 2010, p. 13). A especulação financeira, um tema atual, já existia. De acordo com autores em questão, os cambistas, que agiam com anuência da elite sacerdotal, formavam uma máfia poderosa, cobrando até 8% de juros pelas operações.

Portanto, se alguém quisesse protestar contra o poder vigente, o Templo seria um local adequado. Elites judaica leigas, sacerdotal e autoridades romanas refletiam o que se praticava no seu interior. Jesus não era um personagem puramente político. A religião e a magia estavam impregnadas nas suas pregações. Mas ele estava ligado às suas origens. Um camponês revoltado com o tratamento imperial, que oprimia seu povo. Na sua conduta é possível observar a dualidade entre o espiritual e o social.

Jesus não é um revolucionário político que convoca à revolta, ao contrário dos outros messias que lutavam com armas contra as tropas romanas. Mas ele é um revolucionário social enquanto organizava as comunidades e mantinha as pessoas unidas; também é um revolucionário espiritual, que não se pode separar do social. O poder de seu Espírito inspira as pessoas a agir localmente juntas. Veja como é econômica a oração do Pai Nosso em que Jesus pede que “venha a nós o vosso reino”, “dê-nos o pão” e “cancela nossas dívidas”. Isso é revolucionário! Esse é o pacto tradicional de Moisés, que não era mais observado pelas elites, que cobravam juros, escravizavam as pessoas por suas dívidas. Jesus era um revolucionário. (HORSLEY, 2009, p. 146)

A situação geográfica também contribuía para Jesus exercer e desenvolver sua liderança. De acordo com Silva (2011), a Palestina na época de Jesus era uma estreita área situada entre a África e a Ásia, funcionando como uma espécie de ponte entre estas regiões. Com um território menor que o estado do Espírito Santo, possuía uma superfície de 34.000 Km² e cerca de 650 mil habitantes. Encontrava-se dividida em áreas menores: Judeia, Samaria e Galileia, a Oeste; Itureia, ao Norte; Gualanítide, Bataneia, Traconítide, Auranítide, Decápole e

Pereia, a Leste e Idumeia ao Sul. Uma região cortada por viajantes, que facilitava a circulação da história oral, se tornando a base da formação de Jesus.

Horsley (2009) diz que, na época, 95% da população vivia em vilas, era pobre e quase não tinha o que comer. A cobrança de altos impostos fazia os camponeses abandonarem as terras ou dividir as colheitas. “As elites enviavam para essas vilas seus agentes de cobrança. Elite e povo não gostavam um dos outro, era uma sociedade absolutamente dividida, com extrema distância de pobreza e riqueza”, afirma o autor (2009, p. 147). Jesus vivia em constante embate com o poder constituído. Ao adentrar o Templo, em Jerusalém, deparou-se com tudo aquilo que contestava, portanto, sua atitude resultava de um contexto em que viveu.

Acostumado a andar pelas áreas rurais, naquele dia, na véspera da Páscoa, com uma Jerusalém fervilhando, adentrou a cidade. No Templo, selou seu destino. As autoridades o conheciam e, possivelmente, perceberam que ele, em Jerusalém, oferecia perigo, poderia inflamar a multidão. “Quando expulsou os vendedores de animais e cambistas do templo, Jesus golpeou de frente o poder econômico. E foi esse confronto, mais do que qualquer outro, que culminou na sua condenação” afirmam Arantes e Funari (2010, p. 13). Para esses autores, esse é o Jesus Histórico, cuja trajetória dividiu com o Cristo da fé.

RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER POLÍTICO E ECONÔMICO

Mas a atitude de Jesus no Templo é fruto de conflitos passados, como nos ensina a Análise de Discurso (AD). Metodologia que lida com ditos recorrentes, que perfazem novos discursos. Assim, é possível dizer que os autores neotestamentários, ao abordarem o episódio, construíram uma representação do poder político e econômico vigente na época, com sua simbologia, retratado em moedas. Na trajetória do Jesus Histórico ou mesmo no Jesus da fé, o valor monetário (moedas) é recorrente.

Um exemplo é a traição do apóstolo Judas, pago para entregar Jesus aos soldados romanos: “Eles pesaram para ele 30 [moedas] prateadas. E a partir de então, Judas procurava uma oportunidade para trair Jesus,” Mt 26:16. O dinheiro é o Interdiscurso, que se materializa nos discursos neotestamentários, revelando que a sociedade da época era regida pelo poder econômico, pois este se fazia presente no seu cotidiano.

O Interdiscurso é uma Memória Discursiva (MD), no caso, o poder econômico que o Império Romano exercia, mancomunado com as elites políticas e sacerdotais judaicas. A MD, no episódio no Templo, demonstra a exploração do povo em prol de uma elite dominante. Uma prática (sentido) que já existia, mas foi ressignificada ali, sob a ação de Jesus revirando mesas

e pondo os sacerdotes para correr. Diz Orlandi (2012, p. 59): “Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido”. O episódio do Templo representa algo incrustado na sociedade da época, que é “poucos com muito e muitos com pouco”.

A MD “poder econômico” reafirma a figura do Jesus Histórico no episódio em que ele expulsa os vendilhões do Templo. Mesmo que sua intenção fosse apenas religiosa, com intuito de proteger o local sagrado, pois disse: “A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, fazem-na um antro de ladrões”, Mt 21:12-13. Não se pode dissociar Jesus da religião, nominando-o apenas de revolucionário ou agitador político. A religião o motivava a preservar a tradição oral. Contudo, também o incentivava a lutar pela libertação do seu povo, massacrado e oprimido pelo Império Romano. A atitude dele no Templo revela a verve religiosa, mas expõe o poder econômico vigente na época, representado pelos cambistas que ali atuavam.

O episódio do Templo, numa análise teológica, revela apenas o Jesus da Fé, que se revolta com a profanação de um local sagrado. Diz que o Templo é a casa de seu Pai, portanto, não aceitaria que o profanassem. Mas ao levarmos em conta a MD concluímos que há também uma vertente histórica e social no seu discurso (fala). Na sua revolta, evidencia-se o poder econômico da época. Para Certeau, a história se desenvolve pela ótica de quem a produz, pela análise dos fatos. “A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade”, acrescenta (1982, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise do Jesus Histórico, fizemos um recorte, destacando o episódio de Jesus no Templo. Ao analisá-lo verificamos sua historicidade. Ao agir contra os cambistas no local, ele fez ressignificar a questão do poder econômico na época. O Templo, com as vendas de animais e câmbio de moedas, retratava um sistema político do qual a maioria estava ausente. Quem dominava era o Império Romano e as elites judaicas mancomunados com a classe sacerdotal. A eles interessavam o lucro, ignorando uma massa desprotegida, desprovida de qualquer amparo do Império.

Recorremos a análises de pesquisadores que se dedicaram e dedicam ao tema. Tratar do Jesus Histórico é um desafio por causa da ausência de fontes antigas. Os Evangelhos não são uma biografia de Jesus, pois são interpretações teológicas de elementos históricos. Contudo, cabe ao historiador lê-los com outros olhos, retirando os filtros. Assim será possível encontrar algumas lacunas que revelam atuações históricas do personagem. No próprio episódio que analisamos, a expulsão dos vendilhões do Templo, à luz teológica, revela um Jesus

revoltado com a profanação de um local sagrado. Mas, como demonstramos, a revolta dele demarca também o poder econômico existente na época.

Ao se conhecer a trajetória e o local em que Jesus viveu é possível esclarecer episódios bíblicos que, muitas vezes, são lançados aos fiéis como se fossem ditados por Deus. Conhecer a sua trajetória histórica é fundamental para evitar confusões interpretativas, como as que ocorrem atualmente envolvendo questões políticas.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, José Tadeu; FUNARI, Pedro Paulo A. **A Palestina de Jesus**. In: O sagrado na história - Cristianismo. PILAGALLO, Oscar. São Paulo: Duetto Pocket, p. 11-18, 2010.
- BLÍBLIA. **Novo Testamento**. Os quatro Evangelhos. Jo, 2:13-17; Lc, 19: 45-48; Mc, 11: 15-19; Mt, 21: 12-17; 26: 16. Traduzida do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 1982.
- CHEVITARESE, André L. e FUNARI, Pedro Paulo A. **Jesus Histórico**. Uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klinê, 2012.
- CHEVITARESE, André L. **Jesus de Nazaré – O que a história tem a dizer sobre ele**. Rio de Janeiro: Menocchio, 2022.
- CORNELLI, Gabriele. Metodologia e resultados atuais da busca pelo Jesus Histórico, p. 17-26. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica. **Jesus de Nazaré: Uma outra História–**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.
- CROSSAN, João Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CYPRESTE, Judite. **Censo - MAPA: Qual é a religião mais popular da sua cidade?** G1 Economia, 06/06/2025. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2025/06/06/mapa-censo-ibge-religiao.ghml>. Acesso em 21/07/2025.
- FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil**. Instituto Pró-livro, 2024. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em 23/07/2025.
- HORSLEY, Richard A. **Jesus, a Galileia e o Império: protesto e ação contra a desordem mundial**

ontem e hoje – Entrevista com Richard Horsley. **Revista de Estudos da Religião**. Entrevista concedida a Jorge Claudio Noel Ribeiro Júnior, P. 143-152, ano: 2009. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/f_ribeiro.pdf Acesso em 23/07/2009.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto** – formulação e circulação dos sentidos. Campinas (SP): Pontes Editores.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SELVATICI, Monica. Nascimento e crucificação de Jesus e a primeira história do cristianismo, p. 27-42. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica. **Jesus de Nazaré: Uma outra História**-. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. **A situação política, econômica e social da Palestina no século I d. C.**, 2011. Programas de Estudos Medievais – Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazão/palestina.htm>. Acesso em 21/07/2025.

SOBOTA, Guilherme. “**Café com Deus Pai**” é o livro mais vendido do Brasil na Lista de Mais Vendidos do PublishNews, de 2024. PublishNews, 2025. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2025/01/22/cafe-com-deus-pai-2024-e-o-livro-mais-vendido-do-brasil-na-lista-de-mais-vendidos-do-publishnews-de-2024>. Acesso em 21/07/2025.

* * * * *